

## DESAFIOS DOS PROCESSOS COLABORATIVOS EM REDE

Paulo Dias<sup>1</sup>

### Resumo

*Comunicar e aprender em rede são aspectos da mudança em curso nos processos de construção das interações sociais, com particular impacto na Educação. Neste domínio, as redes e comunidades de prática apresentam um potencial de desenvolvimento associado à sua especialização em grupos de partilha de interesses, nos quais os processos colaborativos permitem evidenciar que o conhecimento é uma representação dinâmica da comunidade de aprendizagem.*

*Ultrapassando a dimensão de suporte, a rede constitui uma interface para a aprendizagem através da qual os utilizadores procedem à construção do sentido dos materiais informacionais, incorporando-os na experiência colaborativa das figurações e narrativas do conhecimento, e dos contextos e práticas da sua aplicação.*

*O desafio dos processos colaborativos para a Educação e a Formação reside então no facto de estarmos perante uma abordagem na qual o domínio das representações de conhecimento não se limita à interação com os objectos de aprendizagem mas inclui, obrigatoriamente, os contextos e cenários da experiência colaborativa.*

### Comunicação e aprendizagem em rede

As redes de comunicação e aprendizagem são a expressão da realização das interações cognitivas e sociais orientadas pela partilha de representações e interesses, que encontram nas comunidades colaborativas o seu espaço de organização e desenvolvimento.

Definidas por Rheingold em 1993 como comunidades virtuais baseadas na partilha e cujo horizonte foi descrito por Castells (2004) como o da *sociabilidade ilimitada* no ciberespaço, representam desde então a possibilidade de desenvolvimento das interações entre indivíduos que se organizam em torno das figurações da representação, actividades e projectos, desempenhando este modelo um papel cada vez mais importante para a compreensão dos processos de flexibilização da educação e formação.

A flexibilização no tempo, modo e condições de acesso, encontrando ou criando lugares e oportunidades de educação e formação são os principais aspectos deste modelo que se desenvolve na rede enquanto espaço de aproximação e formação de novos laços entre os indivíduos.

---

<sup>1</sup> pdias@iep.minho.pt; Universidade do Minho.

A diluição dos constrangimentos na distância surge, através da rede, como um meio de promoção da acessibilidade e envolvimento dos novos elementos nas comunidades.

Contudo, a problemática da acessibilidade e do envolvimento nas comunidades não se restringe aos aspectos de ordem geográfica da distância. Brown & Duguid (2002) acrescentam a esta a dimensão *social*. Para os autores o entendimento da *distância*, sob o enquadramento tecnológico, conduz frequentemente à confusão entre a *distância geográfica* e a *distância social*. A distância social compreende a problemática da integração social com especial incidência para a participação dos grupos sociais e culturais minoritários nos processos de educação e formação.

As práticas de comunicação em rede apresentam assim um enorme potencial para a diminuição do isolamento físico ou social, promovendo não só as condições de acessibilidade mas, principalmente, novas perspectivas para a concepção e realização das aprendizagens com o suporte do grupo, da comunidade.

Entendemos a rede como um meio para a integração e reconstrução do modelo de interação *social*, como refere Castells (2004), através do qual é possível aprender *sobre* e aprender a *tornar-se* membro da comunidade. Para além de ser o suporte para a interacção individual com os objectos e lugares do conhecimento é, sobretudo, o meio para interagir com as representações da comunidade, gerando uma cultura de participação, partilha e construção colaborativa da rede de ideias e conhecimento do grupo.

Comunicar e aprender em rede traduzem-se desta forma em actividades geradoras da mudança para a educação, na concepção e desenvolvimento de novas abordagens para a realização das aprendizagens, que compreendem não só as formas de aceder à informação e ao conhecimento, mas também os processos colaborativos que se estabelecem entre os membros da comunidade e que contribuem para a formação da identidade e sentido de pertença ao grupo.

### **Processos colaborativos em rede**

A importância de que se revestem as práticas colaborativas para as comunidades emergentes conhece uma outra dimensão que não podemos deixar de referir, na forma da contextualização das aprendizagens, na sequência do que afirmam Brown, Collins & Duguid (1989), Lave & Wenger (1995), que a aprendizagem é situada e o conhecimento está profundamente situado nos contextos físicos e sociais de aquisição e utilização.

De acordo com os autores referidos, para a perspectiva da cognição situada o conhecimento é em parte resultante da actividade, do contexto e do ambiente cultural no qual é desenvolvido e utilizado.

Tradicionalmente esta não tem sido a abordagem seguida nos sistemas educacionais em geral e, em particular, para as aprendizagens no ensino superior. Apesar da mudança conceptual em curso neste domínio, há ainda um longo percurso para a interiorização e disseminação das novas práticas na educação e formação.

Estas implicam a produção do conhecimento como uma elaboração contextualizada e ligada à experiência da sua utilização individual e do grupo cultural, evidenciando, deste modo, que o conhecimento depende, em larga medida, das pessoas que o vivem e o actualizam.

Por outro lado, esta perspectiva coloca em destaque as interacções entre os membros do grupo e a sua importância, quer como suporte para a dimensão social da aprendizagem, quer também como meio para a experiência partilhada dos contextos de aprendizagem e produção do conhecimento.

Deste modo, podemos afirmar que os processos colaborativos desenvolvidos em rede são a expressão das actividades de participação e da partilha que ocorrem na comunidade de aprendizagem. No âmbito desta perspectiva as actividades do grupo não se realizam de forma abstracta ou exterior à acção mas, pelo contrário, são orientadas e suportadas pelos contextos da aprendizagem que a própria rede disponibiliza (ver fig.1).



Figura 1 - Processos colaborativos de participação e partilha nas comunidades.

A articulação entre os três elementos apresenta os diferentes níveis de realização das interacções conduzidas pelos membros da comunidade com o objectivo de promover os processos de participação e partilha a partir dos contextos físicos e sociais das aprendizagens colaborativas.

Nesta perspectiva, as comunidades favorecem a criação de novas oportunidades e recursos para o envolvimento dos seus membros em actividades significativas (Fischer, 2000), nomeadamente através da promoção dos processos participativos de debate e discussão, da criação de uma compreensão partilhada pelo grupo, da identificação e resolução de problemas reais.

O entendimento comum de que a Web é um meio fundamental para o desenvolvimento dos processos colaborativos, nomeadamente para os que ocorrem nas comunidades de aprendizagem, tem conduzido ao desenvolvimento de novas perspectivas para a concepção e integração dos objectos de aprendizagem nos ambientes de e-learning. Dentro desta abordagem, autores como Koper (2001; 2006) e Albert & Canale (2003), entre outros, têm vindo a desenvolver a proposta de utilização dos objectos de aprendizagem em contexto e da integração dos processos colaborativos de aprendizagem, tendo como referência o facto de que um SCO (Sharable Object Content) baseado numa actividade de aprendizagem colaborativa poderá ser também um *objecto* reutilizável num ambiente colaborativo.

Consideramos que esta é a oportunidade para o desenvolvimento de uma nova geração de plataformas de gestão da aprendizagem orientadas para a criação de um modelo dinâmico de objectos ou *unidades de aprendizagem* que integrem as actividades colaborativas e os contextos da realização das aprendizagens.

Nesta perspectiva, as *unidades de aprendizagem* seguem as abordagens construtivistas e da cognição situada evidenciando a importância das actividades colaborativas para o envolvimento social na aprendizagem, em particular na diminuição da *distância social*, e para a experimentação e reconstrução dinâmica das representações individuais e do grupo. Este novo olhar vem reforçar a necessidade de os objectos de aprendizagem serem pensados como entidades profundamente ligadas à experiência colaborativa no interior da comunidade, e da qual não podem ser separados.

A centralidade da informação e dos processos baseados na transmissão, como refere Resnick (2002), sugerem uma preocupação dirigida para os conteúdos, a sua organização e formas de apresentação, desvalorizando os processos holísticos de interacção e de construção conjunta realizados pelos membros da comunidade, através dos quais os conteúdos não são o objectivo final da aprendizagem mas os meios para o trabalho colaborativo realizado pela comunidade.

O desafio consiste na criação de uma nova pedagogia baseada na partilha, na exposição das perspectivas individuais entre pares e na iniciativa conjunta orientada para a inovação e a criação, a qual Paavola, Lipponen & Hakkarainen (2002) caracterizam sob a metáfora da *aprendizagem como criação de conhecimento*, sendo a actividade colaborativa da comunidade o meio para a aprendizagem e inovação.

### **Inovação e comunidades de prática**

Para além de serem o suporte e o meio de desenvolvimento das comunidades de aprendizagem as redes colaborativas constituem também a possibilidade de distribuição do conhecimento pelos membros do grupo. Quando se opera a especialização destes grupos, como referem Brown et al. (2002), estamos perante comunidades com um nível elevado de produção e criatividade realizados colaborativamente.

O conceito de abertura próprio à rede encoraja o relacionamento entre os participantes, teoricamente ilimitado como se observa na análise de Castells (2004), mas na prática sujeito à diversidade de estilos e desempenhos dos utilizadores, das suas capacidades de avaliação e reconhecimento da importância do conhecimento distribuído para os objectivos e actividades do grupo. Este aspecto estabelece a diferença no percurso de especialização das redes colaborativas, transformando-as em grupos que tendem a definir-se como comunidades de prática que se caracterizam pela elevada implicação mútua dos seus membros nas actividades.

Uma comunidade de prática desenvolve um forte sentido de partilha interna das figurações e narrativas do conhecimento construindo, desta forma, o que se pode designar por actividades geradoras das *práticas comuns* ou *partilhadas*.

Porém, esta actividade orientada para o desenvolvimento e partilha de um objecto comum não significa, obrigatoriamente, o fecho da comunidade. Através dos seus membros, o grupo mantém relações com comunidades similares sob a forma das *práticas complementares*.

Estas, as complementares, são de natureza indirecta para os objectivos e actividades do grupo, consistindo frequentemente na disponibilização de informação, baixos níveis de reciprocidade comunicacional ou interacção entre os membros das diferentes comunidades.

O relacionamento nas redes das práticas complementares caracteriza um estado de reduzido envolvimento, o qual se traduz necessariamente na dificuldade de participação nos processos da formação identitária, bem como na negociação e coordenação das actividades do grupo.

Pelo contrário, os laços promotores da identidade nas comunidades de prática são necessariamente baseados no relacionamento directo e mútua implicação dos membros no projecto do grupo, métodos e estratégias de desenvolvimento das actividades, transformando a comunidade num sistema complexo e adaptativo, cuja primeira manifestação se concretiza na definição negociada dos objectivos de aprendizagem, nos processos de construção das representações individuais e colectivas, e nas reestruturações realizadas no âmbito das explorações colaborativas dos cenários de aprendizagem.

O objectivo da acção da comunidade de prática está para além do acesso à rede de informação, a qual, só por si, representa a entrada num ambiente enriquecido de materiais e conteúdos e não propriamente um factor de mudança e inovação na aprendizagem; o desenvolvimento da inovação no interior da comunidade realiza-se na capacidade de atribuir sentido a estes materiais, através das práticas partilhadas, incorporando-os na experiência colaborativa das figurações e das narrativas do conhecimento, e dos contextos e práticas da sua aplicação.

## **Conclusão**

Os processos colaborativos em rede constituem um desafio na criação de novas perspectivas para a educação e a formação, em particular na acessibilidade e contextualização das aprendizagens, na reconstrução das interacções sociais, na diminuição da distância social e na formação das comunidades de prática. Na medida em que se apresentam como o suporte para a formação de uma cultura de participação e partilha das narrativas de conhecimento do grupo, os processos colaborativos que caracterizam a dinâmica das comunidades são os meios para a mediação e desenvolvimento das aprendizagens para a inovação.

### Referências bibliográficas

- Albert, I. & Canale, E. (2003). Supporting Collaborative Learning Activities With SCORM, in *Proceedings EDUCASE in AUSTRALASIA 2003*, Adelaide, Australia, 669-678, <http://eprints.unimelb.edu.au/archive/00000325> (acedido em 12.9.04).
- Brown, John S, Collins, Allan & Duguid, Paul (1989). Situated Cognition and the Culture of Learning, *Educational Researcher*, 18(1), 32-42.
- Brown, John S. & Duguid, Paul, (2002). *The Social Life of Information*. Boston, MA.: Harvard Business School Press.
- Castells, Manuel (2004). *A Galáxia Internet, Reflexões sobre Internet, Negócios e Sociedade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Fischer, G. (2000). Lifelong Learning - More Than Training, *Journal of Interactive Learning Research*, 11(34), 265-294.
- Koper, Rob (2001). *Modeling Units of Study from a Pedagogical Perspective: The Pedagogical Meta-Model Behind EML*. <http://eml.ou.nl/introduction/docs/ped-metamodel.pdf> (acedido em 29.7.05).
- Koper, Rob (2006). Current Research in Learning Design, *Educational Technology & Society*, 9(1), 13-22.
- Lave, Jean & Wenger, Etienne (1995). *Situated Learning, Legitimate peripheral participation*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Paavola, S., Lipponen, L. & Hakkarainen, K. (2002). *Epistemological Foundations for CSCL: A Comparison of Three Models of Innovative Knowledge Communities*. <http://newmedia.colorado.edu/csccl/228.html> (acedido em 26.9.03).
- Resnick, M. (2002). Rethinking Learning in the Digital Age, in G. Kirkman (Ed.), *The Global Information Technology Report: Readness for the Networked World*. Oxford: Oxford University Press.
- Rheingold, Howard (2000). *The Virtual Community: Homestanding on the Electronic Frontier*. Cambridge: MIT Press.